

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Trabalho e educação: o ensino de sociologia em escolas brasileiras.

Nise Jinkings.

Cita:

Nise Jinkings (2009). *Trabalho e educação: o ensino de sociologia em escolas brasileiras*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1430>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Trabalho e educação: o ensino de sociologia em escolas brasileiras

Nise Jinkings
Universidade Federal
de Santa Catarina, Brasil
nisemj@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Este paper analisa o trabalho do professor de Sociologia em escolas públicas de nível médio no Estado de Santa Catarina, região sul do Brasil. O estudo baseia-se em resultados parciais da pesquisa intitulada “A Sociologia no ensino médio: experiências docentes, formação e condições de trabalho do professor”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil).

A pesquisa, ainda em curso, busca contribuir para as reflexões sobre a presença disciplinar da Sociologia, considerando sua inclusão como disciplina obrigatória nos currículos do Ensino Médio em Santa Catarina, desde 1998. A investigação objetiva traçar um diagnóstico da situação concreta na

qual se realiza o ensino da disciplina nas escolas de nível médio do Estado. Procura responder às seguintes questões norteadoras, relacionadas ao trabalho do professor:

Em que medida os professores de Sociologia no Ensino Médio, com diferentes estatutos profissionais, encontram-se submetidos ao movimento contemporâneo de reorganização produtiva que afeta os modos de gestão e a divisão social e técnica do trabalho? Qual seu regime de trabalho e sua formação? Quais suas condições de trabalho?

O processo de investigação busca relacionar as condições do ensino de Sociologia nas escolas com o lugar do Ensino Médio no sistema educacional brasileiro e o contexto social e intelectual mais amplo que lhe dá suporte. A pesquisa tem constatado uma situação de precariedade do ensino de Sociologia, apesar da conquista de sua presença disciplinar obrigatória nos currículos do ensino médio do Estado, há cerca de dez anos.

Nas salas de aula das escolas, os professores se deparam com exigências complexas advindas de sua atividade de ensino. Todavia, muitas vezes experimentam difíceis condições de trabalho, decorrentes da precarização do sistema público de ensino e da mercantilização da educação no país. Não raramente, enfrentam também dificuldades em sua atividade docente derivadas de uma formação inicial frágil teórica e praticamente ou da carência de formação continuada de qualidade.

No trabalho docente com a Sociologia no ensino médio, essa prática social complexa é desenvolvida frequentemente por professores sem a formação adequada para o ensino das ciências sociais. A frágil tradição pedagógica da disciplina soma-se aos desafios enfrentados cotidianamente nas situações de ensino nas escolas. Muitas vezes sobrecarregados de trabalho e ministrando diferentes disciplinas, alguns professores de Sociologia desenvolvem experiências pedagógicas descontextualizadas e fragmentadas. Por outro lado, ainda que vivenciando no seu dia-a-dia laboral a desvalorização de sua profissão, carências formativas e condições de trabalho precárias, uma parcela significativa desses professores esforça-se por estimular a reflexão crítica e a participação ativa dos educandos, buscando articular conhecimento científico e conhecimento empírico, teoria e prática em sala de aula.

O LUGAR DA SOCIOLOGIA NO SISTEMA ESCOLAR

No Brasil, as condições propícias ao desenvolvimento das ciências sociais verificam-se com a desagregação do regime escravocrata e senhorial e a transição para um regime de classes, no processo

de formação do capitalismo no país, na passagem do século XIX para o XX. A esse contexto marcado pela expansão urbana, desenvolvimento da industrialização e substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, associa-se a formação de um ambiente cultural e intelectual voltado para o saber racional e o interesse pela análise histórico-sociológica da sociedade brasileira, que se complexifica (FERNANDES, 1980).

No período, sob forte influência das idéias positivistas, a Sociologia ingressa na comunidade científica e se torna objeto de disputas no sistema educacional. As tentativas iniciais de introdução dos estudos sociológicos nas escolas de nível médio e superior associaram a Sociologia à moral e buscaram contribuir para o desmonte do pensamento social que dava sustentação à ordem patrimonialista e escravocrata. Isso se concretizaria na década de 1920, quando a disciplina incorpora-se ao sistema de ensino como obrigatória, no contexto da crise social e política que assinalou o fim da Primeira República (MACHADO, 1987).

A Sociologia mantém-se como disciplina obrigatória da grade curricular do ensino de nível médio até o ano de 1942, quando é reorganizada a educação escolar no Brasil, durante o período ditatorial conhecido como Estado Novo (1937-1942). A nova reforma educacional excluía a Sociologia como disciplina obrigatória dos currículos dos cursos complementares, mantendo-a apenas nos cursos de magistério das antigas escolas normais.

Quando se analisa a trajetória de institucionalização da Sociologia e sua constituição como disciplina científica, acadêmica e escolar no Brasil, é notável sua vinculação com as condições sociais, culturais, intelectuais e políticas vigentes. Especialmente no que diz respeito à definição do lugar da disciplina no sistema escolar, ela ocorre historicamente determinada pela correlação de forças sociais em cada período de formação e consolidação do capitalismo no país. Os interesses dos grupos e frações de classe dominantes na sociedade brasileira, em cada época histórica, em grande medida foram definidores da sua presença disciplinar.

Com efeito, nas primeiras décadas do século XX, as elites dirigentes consideravam que a Sociologia era conhecimento científico essencial para a inserção do país no capitalismo mundial. Na época, era tida como uma espécie de técnica de racionalização do comportamento social, sob a inspiração do pensamento positivista. Todavia, em um contexto de radicalização das lutas sociais nas décadas de 1920 e 1930, a Sociologia passa a ser vista pelas camadas dominantes como possível arma teórica de crítica social. Observe-se que ela se distancia das escolas nos períodos marcados por regimes

autoritários e ditatoriais, como o Estado Novo (1937-1945) e a ditadura militar (1964-1985). Em contrapartida, a luta pela incorporação da disciplina como obrigatória nos currículos das escolas se dá em momentos de intensa mudança na vida social e de tentativas de construção de um processo democrático no país.

Como nos anos que se sucederam ao Estado Novo, os debates sobre o retorno da Sociologia à grade curricular obrigatória dos cursos de nível médio intensificam-se nos anos finais da ditadura militar, na década de 1980. Naquele momento de lutas pela queda da ditadura, campanhas desencadeadas em diversos Estados exigem o retorno da Sociologia como presença disciplinar obrigatória. Como resultado dessas campanhas, leis estaduais ou recomendações das secretarias estaduais de educação firmaram a adoção da disciplina como obrigatória em ao menos uma série/ano do Ensino Médio, em diversos Estados brasileiros, caso de Santa Catarina. Em nível nacional, a reintrodução da disciplina consolida-se com a decretação da Lei 11.684, que altera o art. 36 da Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira. Em seu Art. 1º, inciso IV, a lei determina que “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio”.

Essa conquista tem reavivado a discussão sobre o ensino de Sociologia nas escolas. Encontros e seminários estaduais e nacionais discutem questões metodológicas do ensino da disciplina e as relacionadas à formação do professor e às condições do trabalho docente. A reflexão acerca dos conteúdos a serem ministrados leva à elaboração de propostas programáticas, diretrizes e orientações curriculares de âmbito estadual e nacional. Publicam-se novos livros didáticos de Sociologia e dossiês sobre a temática são organizados em revistas acadêmicas, enquanto trabalhos de final de cursos de graduação e de pós-graduação nas universidades mergulham na problemática.

Entretanto, os desafios postos para que se desenvolvam efetivamente as potencialidades educativas das ciências sociais nas escolas são muitos e complexos. A trajetória intermitente da disciplina de Sociologia no sistema escolar e sua débil tradição pedagógica exigem um aprofundamento da discussão coletiva sobre as finalidades formativas da disciplina e suas possibilidades didáticas, tanto nos espaços acadêmicos, como nas escolas e organizações sindicais e associativas da categoria. A par dessa reflexão e mobilização coletivas, urge que se articulem nacionalmente pesquisas sobre os cursos de Licenciatura em Ciências Sociais e a Sociologia no ensino médio, desenvolvidas em universidades e centros de investigação de todo o país, o que permitiria construir um amplo diagnóstico da formação docente na área e do ensino da disciplina nas escolas.

Esses desafios, voltados para as particularidades do ensino de Sociologia nas escolas, estão fortemente enredados a questões sociais mais amplas, que acompanham as transformações contemporâneas do capitalismo e atingem com gravidade a educação brasileira e seu sistema público de ensino. Nas suas particularidades, advindas das especificidades do trabalho pedagógico com as ciências sociais, a atividade docente com a disciplina de Sociologia no ensino de nível médio no país é também intensamente afetada pelos problemas estruturais de uma sociedade desigual, na qual ainda se reivindica a universalização da educação básica.

O TRABALHO DOCENTE DE ENSINAR SOCIOLOGIA

Como trabalhadores de todo o mundo atingidos pelos processos atuais de reestruturação produtiva do capital, os professores tem sua atividade laboral marcada pela precarização e intensificação do trabalho. A produção acadêmica da última década sobre trabalho docente¹ tem analisado as difíceis condições em que se realiza essa atividade profissional, prática social complexa que deve proceder à “mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos” (SEVERINO e PIMENTA, 2004, p. 15). Apesar de múltiplas e cada vez mais intrincadas exigências à realização do trabalho do professor no meio escolar, os estudos e pesquisas tem apontado para um processo de pauperização dos professores, submetidos à baixa remuneração, a longas jornadas laborais, ao multiemprego e ao subemprego, a precárias condições formativas e de trabalho.

A indissociabilidade entre qualidade da educação escolar e condições laborais e de exercício profissional, defendida historicamente nas lutas sociais dos professores, ficou mais distante com a política neoliberal, que dominou o cenário da década de 1990 no Brasil e em outros países da América Latina. Pressupondo essa indissociabilidade, as reivindicações dos professores articulavam demandas de melhores salários, jornada remunerada, condições de trabalho e estudo, a questões relacionadas à qualidade do ensino, como democratização interna da escola e desenvolvimento profissional dos professores (PIMENTA, 2002). A fragilização da luta coletiva e a precarização social, que se alastrou e agravou no período, dificultaram a conquista dessas reivindicações.

Em sua prática educativa cotidiana, vivendo as difíceis condições laborais dos trabalhadores docentes, os professores de Sociologia nas escolas enfrentam ainda o desafio de lidar com uma disciplina pouco conhecida, sem uma tradição pedagógica consolidada. Esse desafio é ainda mais instigante pelas

¹ Um levantamento da produção acadêmica recente sobre o trabalho do professor encontra-se em MANCIBO (2007).

singularidades da Sociologia como ciência social que, por seu objeto de estudo – a realidade social em movimento –, é marcada constantemente por controvérsias teóricas e metodológicas em torno das mudanças na vida social. Na atualidade, essas controvérsias trazem no seu cerne diversas interpretações dos atuais movimentos de mundialização do capital e da crise capitalista que se evidencia desde a década de 1970 e apresenta características de uma profunda crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2007). De acordo com Ianni (1997), essa realidade social contemporânea exige novas reflexões, conceitos, interpretações e se constitui em um novo emblema da Sociologia, com implicações importantes na pesquisa e no ensino.

Segundo Florestan Fernandes (1978), alguns dos entraves históricos ao desenvolvimento e à consolidação das ciências sociais foram explicações ou justificações populares a respeito de situações da vida social e a crença, generalizada, de ser o conhecimento do senso comum suficiente para compreender e explicar os fenômenos sociais. Da mesma forma, as concepções religiosas e suas interpretações relativas ao ser humano e à vida em sociedade entraram muitas vezes em choque com as explicações e o tratamento racional conferido pelas ciências sociais, opondo-se a sua legitimação no campo científico. Fernandes refere-se também à potencialidade obstrutiva das ações de classes ou grupos sociais dominantes, que consideram temerária a análise científica das relações sociais e dos valores que justificam ideologicamente seu poder, tidos como naturais e inquestionáveis.

Nas escolas, esses entraves expressam-se, frequentemente, no desconhecimento das finalidades educativas da disciplina e na desvalorização de suas potencialidades formativas. Algumas respostas de estudantes de escolas da rede estadual de ensino da Grande Florianópolis (SC) à pergunta sobre o que pensam da disciplina de Sociologia, em questionário aplicado em sala de aula são exemplares:

A Sociologia tenta ensinar coisas óbvias, que já sabemos. (1ª. série)

Sociologia é discussão, refletir sobre assuntos importantes. Não é uma disciplina que precisa pensar muito. (1ª. série)

Sem noção, pois cada um tem sua Sociologia, de forma que é impossível chegar a um acordo (2ª. série).

Portanto, ao iniciar seu trabalho pedagógico com a disciplina, o professor necessita estabelecer um diálogo com os educandos, buscando mobilizá-los para a construção do conhecimento escolar no

campo específico das ciências sociais e da Sociologia em particular. Isto significa enfrentar a idéia corrente de que é inútil uma disciplina que se volta para o estudo da realidade social na qual vivemos, tida, em uma percepção empírica, como natural e conhecida. Implica, portanto, contrapor o conhecimento científico produzido e acumulado historicamente pela Sociologia ao conhecimento originário do senso comum. Pois a análise sociológica, ainda que partindo das experiências concretas dos homens em sociedade e se originando, em grande medida, de visões de senso comum sobre a vida social, contribui para um entendimento sistemático e totalizante do mundo social pelas conceituações, construções teóricas e métodos científicos que incorpora.

Outra concepção equivocada das finalidades educativas da disciplina de Sociologia, também expressa nas respostas de alguns estudantes, diz respeito à idéia de que as aulas da disciplina devem se restringir a trocas de opiniões sobre a realidade social. Neste caso, ao invés de conduzirem a um conhecimento sistematizado sobre a vida em sociedade, as aulas seriam tomadas por impressões e saberes derivados da vivência prática de professor e alunos, sem uma problematização ou superação do senso comum particular como explicação única da realidade.

Muitas vezes essa concepção é reforçada pela ação docente de alguns professores, que baseiam suas aulas em textos jornalísticos e selecionam seus conteúdos de ensino a partir dos temas em evidência na mídia. Quando o trabalho didático com esses temas não os articula aos conceitos e teorias das ciências sociais, o que se verifica é a discussão distanciada do suporte teórico da disciplina, que se atém às aparências dos fenômenos. Nesse caso, a atividade ressent-se de um planejamento que reúna de modo coerente os objetivos, conteúdos e métodos de ensino, reduzindo-se ao debate em torno de um conjunto fragmentário de temas midiáticos. Aproximadamente 20% dos professores de Sociologia entrevistados desenvolvem seu trabalho docente a partir desse recorte metodológico.

As entrevistas realizadas com professores de Sociologia na rede estadual de ensino de Santa Catarina, região da Grande Florianópolis, revelam a necessidade premente de um desenvolvimento da reflexão e discussão coletivas no campo da metodologia do ensino de ciências sociais, que articulem as questões relacionadas às finalidades do ensino da disciplina, conteúdos a serem trabalhados e métodos de ensino. Isto porque os depoimentos dos professores, cerca de 50% não formada na área, apresentam concepções metodológicas bastante diferenciadas – e muitas vezes equivocadas – do ensino da Sociologia nas escolas de nível médio.

Alguns desses professores seguem incorporando em seus planejamentos de ensino as idéias inspiradas no Positivismo que originaram a Sociologia como disciplina científica, associando a disciplina à moral e à ordem social, tratando-a como uma espécie de técnica racional de contenção de conflitos e de intervenção no comportamento social. Esses professores referem-se ao trabalho didático com temas como drogas, sexualidade e gravidez na adolescência, violência etc., considerados problemas relevantes no ambiente social vivido pelos estudantes, com a finalidade de orientação comportamental.

Por outro lado, o trabalho docente que se volta para a construção de um conhecimento dos fundamentos teóricos das ciências sociais enfrenta obstáculos importantes. Além das questões relativas a condições de trabalho e formativas, já assinaladas, destaca-se a ausência de livros didáticos de Sociologia nas escolas, para uso dos alunos, o que dificulta a apresentação sistemática dos conteúdos. Soma-se a isso um trabalho didático muitas vezes descontextualizado na transmissão de conceitos e teorias, que tem seu tempo histórico e as necessidades sociais que os originaram obscurecidos.

Em contrapartida, a pesquisa tem constatado o desenvolvimento de experiências pedagógicas criativas com a Sociologia nas salas de aula. Algumas dessas experiências inspiram-se na concepção sócio-histórica de aprendizagem (VYGOTSKI, 2001) e tratam os conteúdos de ensino como expressão de uma totalidade social complexa. Buscam explicitar as finalidades sociais dos conteúdos trabalhados, contextualizando-os e integrando-os ao dia-a-dia dos educandos. Ainda que limitadas pelas determinações sociais e históricas que marcam o sistema educacional brasileiro e invadem as escolas e salas de aula, essas experiências iluminam potencialidades educativas das ciências sociais e apontam a necessidade de transformações estruturais da educação brasileira para seu florescimento.

Bibliografia Citada

- FERNANDES, F. Funções das ciências sociais no mundo moderno. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. (orgs.). *Educação e sociedade*. 9ª. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- _____. Desenvolvimento histórico-social da sociologia no Brasil. In: *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- IANNI, O. A Sociologia numa época de globalismo. In: FERREIRA, L. (Org.). *A Sociologia no horizonte do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- MACHADO, C. O ensino de sociologia na escola secundária brasileira: levantamento preliminar. *Revista da Faculdade de Educação*. 13 (1): 115-148. São Paulo: FE-USP, 1987.
- MANCEBO, D. Agenda de pesquisa e opções teórico-metodológicas nas investigações sobre trabalho docente. In: *Educação e Sociedade*, vol. 28, n. 99. Campinas (SP): CEDES, maio/ago, 2007.
- MÉSZÁROS, I. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. Trad. Ana Cotrim; Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PIMENTA, S. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: Pimenta, S. e Ghedin, E. (orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SEVERINO, A. e PIMENTA, S. Apresentação da coleção. In: Pimenta, S. e Lima, M. S. *Estágio e docência*. Col. Docência em Formação. São Paulo: Cortez, 2004.
- VYGOTSKY, L. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.